

FLÁVIO DE CARVALHO: CIDADE E HABITAÇÃO

Carolina Pierrotti Rossetti

Arquiteta - USP - São Carlos- Programa de Pós-Graduação – Mestrado
carolina_rossetti@yahoo.com.br

A arquitetura desenvolvida por Flávio de Carvalho, ao que parece, não pretende apresentar vínculos institucionais com o Estado vigente e nem com o próprio “projeto moderno”. A questão de identidade nacional está mais vinculada às questões discutidas no início de 1920, com Oswald de Andrade e a Antropofagia discutida em São Paulo. Assim, sua arquitetura não procura representar e muito menos “mitificar” determinada força política, mas procura as questões sociais fora do campo político.

As questões sociais aparecem em suas discussões sobre cidade, sociedade e habitação, além da própria concepção de homem moderno. A preocupação com a formação de uma sociedade moderna está mais vinculada à idéia de progresso e de vida do que a concepção desenvolvimentista da sociedade apresentada pelo projeto moderno. É uma outra visão de identidade nacional, que não afirma uma determinada força política, mas busca características e valores brasileiros.

A única preocupação política apresentada em seus textos aparece quando ele discute a formação de uma sociedade a partir de um Estado forte, que pode organizar o sistema econômico e produtivo, capaz de se responsabilizar pela reformulação de uma sociedade nova. Isso se reflete consequentemente aos seus trabalhos onde discute a cidade e a casa do homem moderno.

Essa postura apresentada por Flávio de Carvalho aparece tanto em alguns textos desenvolvidos na década de 1920 e 30, como em projetos arquitetônicos desenvolvidos no mesmo período. Os textos e projetos a serem apresentados para esta análise serão respectivamente: *A cidade do homem nu* (1930), *Uma concepção da cidade do amanhã* (1932), o folheto explicativo do conjunto de casas da Alameda Lorena (1938), *A casa do homem do século XX* (1938), Projeto para o Palácio do Governo do Estado de São Paulo (1927) e Projeto de uma Vila na Alameda Lorena (1936-38).

PALAVRAS-CHAVE: Flávio de Carvalho; arquitetura moderna, homem moderno

ABSTRACT

The architecture developed by Flávio de Carvalho doesn't intend to present an institutional linked either with the effective State or with the "modern project". The question about national identity was more linked to the questions that Oswald de Andrade and the Anthropophagi discussed in 1920, in São Paulo. Thus, his architecture neither seeks to represent nor mythify a political force, but it looks for social questions out of political interest.

The social questions appear in his discussions about the city, society and habitation, mainly the conception of the modern man. The search for the formation of the modern society is closer to the progress ideas and the life progress than developmental vision of the modern project. It's another vision about national identity that doesn't agree with a determinate political force, but he looks for Brazilian characteristics and values.

The only political preoccupation that he shows in his texts appears in his discussions about a society formation with a strong State. This may not only organize the economical and productive systems, but also reformulate a new society. This discussion is reflected in his works in which he discusses the city and the modern man's house.

Flávio de Carvalho's point of view was presented not only in his texts, but also in his architectural projects, developed in 1920's and 1930's. The texts and projects that are analyzed in this work are: "*The naked man's city*" (1930), "A tomorrow city's conception" (1932), Lorena Lane project's folder (1938), "The 20th century man's house" (1938), the project elaborated to the Palace of São Paulo State (1927) and the project of the houses of Lorena Lane (1936-38).

KEY WORDS: Flávio de Carvalho; modern architecture; modern man

INTRODUÇÃO

As diferentes atuações de Flávio de Carvalho permitem a leitura de uma postura política que ele apresenta ao pensar arquitetura e cultura nacional ao longo das décadas de 1920 e 1930. O primeiro exemplo dessa postura desenvolvida é o projeto para o concurso da construção do Palácio do Governo do Estado de São Paulo (1927) onde projeta fortificações e locais para utensílios bélicos e lugares para pouso de helicópteros. Assim, propõe a proteção do edifício para não haver a queda do poder a partir de invasão e demolição do edifício responsável pela representação do poder estatal. Desta forma aparece sua preocupação com a relevância de um estado forte, imponente e atuante na cidade e na vida da sociedade.

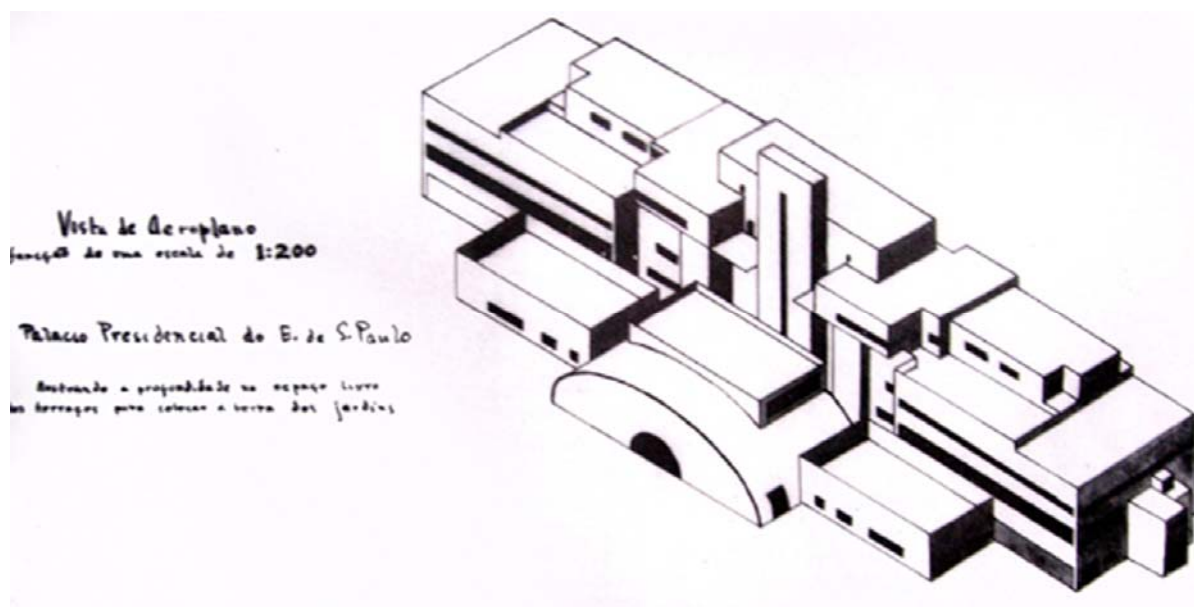


FIGURA 01. PROJETO PARA O PALÁCIO DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO (1927)

Fonte: ZANINI, W. LEITE, R.M., 1983, p. 49.

O questionamento da presença de um Estado forte e atuante é uma constante mesmo alguns anos depois em seu texto *A cidade do homem nu* (1930), onde ele aborda a influência de um Estado forte para a transformação total da sociedade e conseqüentemente na cidade e na própria configuração de uma nova estrutura familiar e social.

A partir das concepções inovadoras sobre a cidade e sociedade, Flávio de Carvalho continua a discussão nos textos *Uma concepção da cidade do amanhã* (1932) e *A casa do homem do século XX* (1938), onde as discussões sobre a sociedade e o novo homem moderno se estenderão para a preocupação das transformações da cidade e principalmente da casa onde este “novo homem” articularia as novas relações coletivas e privadas.

Concluindo as relações destes trabalhos elaborados por Flávio de Carvalho as questões sobre a habitação e as novas necessidades do homem moderno aparecem explícitas no projeto de uma Vila na Alameda Lorena e o folheto explicativo no qual divulga e “ensina” os novos moradores a se apropriarem corretamente das casas. Pois ele enfatizava, de forma irônica, que a sociedade ainda não tinha uma concepção de modo de vida moderna para a utilização de um espaço moderno.

A principal questão que este trabalho se propõe a colocar em evidência é a relevância das questões de arquitetura colocadas à margem de uma arquitetura reconhecida e apoiada pelo governo vigente no país na década de 1930, que compunha o “projeto moderno”. Esta arquitetura marginalizada também apresenta alguns pontos de interesse no pensar a modernidade, como uma nova concepção de cidade, sociedade e habitação.

1. CIDADE, SOCIEDADE E A CASA DO HOMEM NU

A temática principal em *A cidade do homem nu* é a discussão sobre a cidade a partir da formação de uma nova sociedade, uma nova concepção de família, de propriedade privada e de Estado. Estas questões estavam em discussão no início da década de 1920, com enorme reflexo principalmente em São Paulo, podendo ser vista como o olhar de Flávio de Carvalho a partir das discussões da formação de uma sociedade maquinista na Europa.

Essas questões abordadas demonstram uma compreensão do autor sobre as discussões que estavam em voga na Europa desde o final do século XIX, como: a constituição da idéia de multidão, do ser anônimo, da formação do sujeito moderno, das mudanças no ideal de família, nas inovações tecnológicas e principalmente como estas mudanças estavam se refletindo no espaço de viver e conviver em coletividade na cidade.

Estas novas questões estavam presentes no Brasil com as mudanças de produção, política, economia, ciência e tecnologia acabam se refletindo também na questão do lugar social do homem. A nova lógica de produção e de formação da sociedade permite que o homem transite em diferentes lugares nesta “sociedade industrial”. Desta forma a sociedade abandonaria a lógica familiar de produção, como o artesanato que afirmava uma sociedade sem grandes mudanças nos distintos papéis e níveis econômicos, constituindo uma sociedade estática e previsível.

A tese *A Cidade do Homem Nu* é um reflexo dessas discussões do campo artístico e cultural que efervescia em São Paulo entre 1922 e 1930, principalmente pelo vínculo estreito que o

autor apresentava com o Movimento Antropófago. Estas discussões tinham em comum o desejo de ruptura com o passado, a crítica a mimese artística acadêmica e a busca de referências mais recentes da arquitetura e das artes na Europa. Portanto, buscavam um diálogo com estas correntes ideológicas e estéticas a partir de uma perspectiva brasileira.

Sua principal temática é pensar a cidade moderna, a metrópole, os novos hábitos sociais, novos modos de viver, uma nova lógica com a forte expansão dessas cidades, este crescimento acelerado que provoca diversas problemáticas para os habitantes da cidade, novos meios de transporte, uma outra lógica temporal e de velocidade, novos hábitos noturnos com a presença mais “intensa” da luz elétrica nos espaços públicos e privados da cidade, novos problemas de higiene frente à falta de estrutura dessas cidades, o novo modo de habitar frente ao tipo de trabalho que também mudou com o início da presença das fábricas, o rápido desenvolvimento da ciência e da tecnologia que promove novas facilidades para o “novo homem” e a própria constituição deste “novo homem moderno”. Assim, a própria idéia do “novo”.

A Cidade do Homem Nu apresenta principalmente a preocupação com a idéia de um novo homem moderno, que se caracteriza pela ausência de passado, considerando o território latino-americano um território novo, a possibilidade de um novo mundo. A única relação que apresenta com a cultura européia é uma postura antropofágica, em alimentar-se da carne dos inimigos para absorver as suas qualidades. Assim, a América permite a formação deste *homem nu*, que seria o homem preparado para o futuro, sem Deus, sem propriedade privada, sem matrimônio, com ligação livre, o homem natural, primitivo, que age por instinto, sem tabus escolásticos, totalmente livres para o raciocínio e o pensamento, sem ligações com o passado, que permite criar novos tabus a serem superados novamente, e assim, progredindo. Os principais valores do passado a serem superados pelo *homem nu* seriam as concepções de família e de propriedade privada.

A partir dessas considerações Flávio de Carvalho apresenta quais seriam as novas relações estabelecidas para a formação desta cidade. Segundo ele, toda a idéia de propriedade seria vinculada ao estado, este como único proprietário para que toda a população possa usufruir, de maneira igual. Porém, mesmo o Estado sendo o único proprietário, a autoridade administrativa seria o centro de pesquisas, ou seja, a ciência, o conhecimento e a preocupação com a eficiência, governariam aquilo que o estado estruturaria. Mesmo a idéia de religião seria substituída pela ciência, esta colocada como um deus mutável, que produz conhecimento e que muda junto com o progresso do homem, oposto das colocações que a igreja representava.

O método de conhecimento utilizado por este novo homem seria a partir da ideologia antropofágica, onde o homem primitivo pode aprender e devorar os conhecimentos desenvolvidos pelos povos ocidentais, principalmente europeus. Mas, a forma de desenvolver o conhecimento seria com total liberdade, para associar esse conhecimento a sua natureza, as problemáticas e aos conhecimentos locais, que seriam próprios de sua nacionalidade. Assim, ele aproxima a concepção do *homem nu* à idéia do homem primitivo, por não ter os seus desejos censurados, nem a curiosidade, seria o homem da natureza, selvagem, com os seus desejos não reprimidos. Por isso, este homem seria capaz de transformar *o tabu em totem*, produzir novos rendimentos e raciocínios em novas esferas.

A *cidade do homem nu* seria o lugar onde este novo homem poderia sublimar seus desejos e produzir conhecimentos de forma organizada e coletivamente, chegando a comparar ao urbanismo de Le Corbusier, como a eficiência e perfeição de funcionamento de uma máquina, o motor em movimento. Esta máquina seria composta pela idéia de multidão, de coletividade anônima, que viveria de maneira eficiente, sem desperdício de tempo e energia para felicidade do homem. Esta coletividade que compõe todo o funcionamento desta cidade funciona como uma máquina, onde todos os homens têm a mesma importância, uma sociedade homogênea onde todos cumpririam sua função.

Em outro texto posterior, *Uma concepção da cidade de amanhã*, Flávio de Carvalho continua com as questões sobre cidade e Estado, o homem e a coletividade a se desenvolverem na cidade. Porém, a questão da habitação aparece com mais ênfase, associada à questão da cidade.

“O desenvolvimento técnico da cidade vem mostrar que a casa do homem não é mais o desejo de um particular, mas tem de ser o produto de uma inteligência coletiva. A cidade inteira será a casa do homem de amanhã e terá como proprietário único o Estado.”¹

A cidade, neste texto, deveria ser pensada de maneira semelhante à elaboração de um motor, a casa faz parte do funcionamento deste motor, tem uma finalidade. A evolução social que a cidade passa a abrigar deve se refletir também na habitação, no vestuário e na alimentação, é intrínseca ao homem moderno e as suas mudanças.

¹ Carvalho, Flávio de. 1932.

2. A CIDADE É TODA ELA A CASA DO HOMEM²

A questão da habitação aparece mais claramente no texto apresentado em 1938 “A casa do homem do século XX”, no folheto do projeto da Vila na Alameda Lorena e reflete-se na elaboração do mesmo projeto, construído no mesmo período.

“A casa do século XX é um acessório para auxiliar o homem a viver, enquanto que a casa de tempos idos era mais uma fortaleza para proteger o homem.”³

A questão da habitação é refletir a “internacionalização” do novo homem e seu modo de ver a vida. A casa é um equipamento da cidade, da sociedade maquinista, é o reflexo de uma coletividade e não de uma individualidade como a casa burguesa do século XIX. A casa está inserida na cidade, que está mais direcionada para a eficiência e a velocidade da vida moderna. Assim, deve ser reflexo dessa nova sociedade, além de, tornar-se um equipamento para essas novas necessidades do homem. “Todos os componentes da casa são funções desse *continuum* velocidade-segurança”.⁴

A partir dessa preocupação com a dinâmica da cidade e da vida moderna, a casa passa a ser vista por Flávio de Carvalho como um “ponto de passagem, um local de repouso na rotina diária” do homem. O tempo gasto na casa é visto como cada vez mais curto, pois a vida passa a acontecer mais coletivamente, e menos individual, na cidade e todos os seus outros compartimentos. “As atividades do homem espalham-se mais pela cidade em vez de somente pela casa”.⁵ Isso faz parte do dinamismo que a vida do homem passa a adquirir com o advento da máquina e com a importância que a cidade passa a ter na vida deste novo homem.

Este novo homem, também é visto como parte integrante desta máquina-cidade, é o “elemento produtor”. A casa seria o lugar para facilitar a vida deste “elemento produtor”, permitindo o seu melhor desenvolvimento produtivo, gerando o progresso. Assim. Este homem passa a ser visto como elemento constitutivo desta coletividade e da produção que gera o progresso, independentemente dos laços familiares. A partir desta visão sobre o “novo homem” ele defende que “o monumento do século é um alojamento adequado para

² CARVALHO, F. de, 1938. In. XAVIER, A., 2003, p. 53.

³ Idem, p. 52.

⁴ Idem, ibidem.

⁵ Idem, p. 53.

que a idéia de eficiência aplicada ao ser humano e à máquina possa viver na sua mais alta porcentagem.”⁶

3. ACASA DO HOMEM NU

A arquitetura que seria capaz de acompanhar essas questões e o dinamismo da vida moderna seria a “arquitetura moderna”, esta “é nua e lisa, despida de todo o preconceito ancestral”. Esta arquitetura nova “quase não tem pudor e não tem medo, pois as suas aberturas são grandes e acolhedoras e as suas paredes, frequentemente transparentes”. Assim, o pensamento de Flávio de Carvalho sobre arquitetura reflete sua visão sobre a arquitetura moderna e essas abordagens sobre habitação, cidade e novo homem, que aparecem no projeto para a Vila na Alameda Lorena, construído em São Paulo.

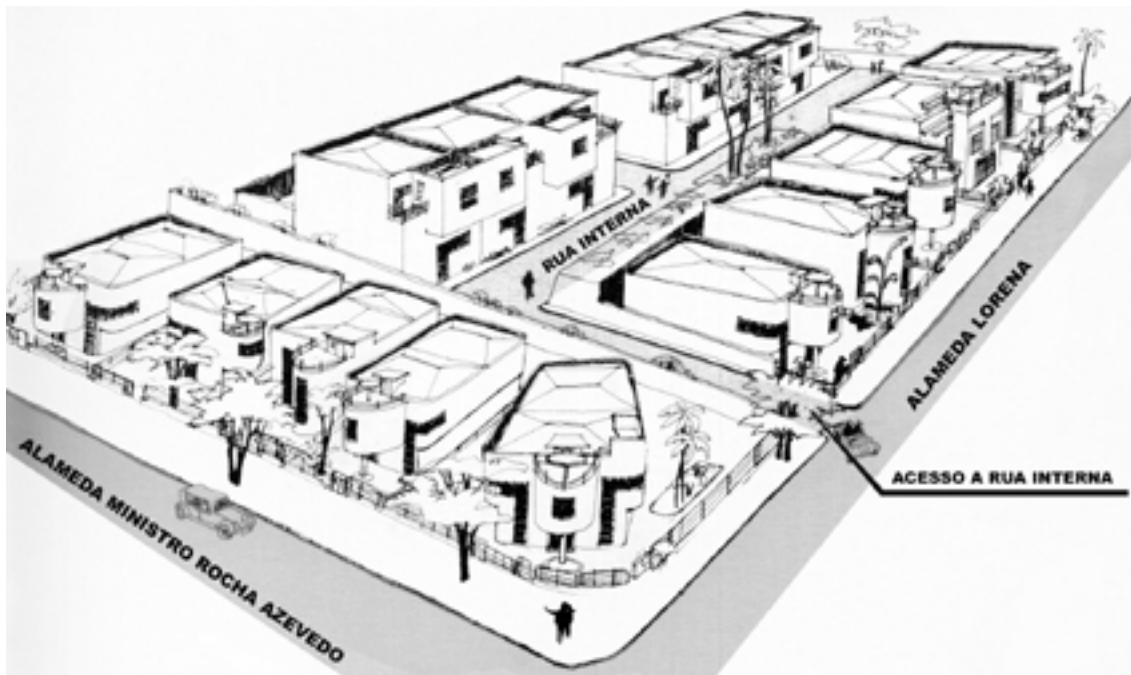


FIGURA 02. PERSPECTIVA DA RECONSTITUIÇÃO DO CONJUNTO DA ALAMEDA LORENA (L.C.D.) – intervenções da autora
Fonte: DAHER, L.C., 1984, p. 151.

O conjunto de casas que formam a Vila na Alameda Lorena, é formado por dezessete casas. Dez destas casas são voltadas para a Alameda Lorena e Alameda Ministro Rocha Azevedo e as outras sete são localizadas no interior do conjunto, acessadas por uma rua interna.

⁶ Idem, p. 54.

O que mais chama a atenção no primeiro contato com o material dessas casas é uma espécie de “bula”, um folheto no qual Flávio de Carvalho divulga o conjunto e o apresenta para os futuros moradores a partir de uma forma de morar corretamente, do “modo de usar”. O arquiteto, aparentemente, pretende, através do folheto, proporcionar parte da educação desses moradores para formação de uma nova sociedade, de acordo com as novas necessidades da vida moderna, proporcionar mais qualidade de vida, praticidade e um conforto ambiental e psicológico para os possíveis futuros moradores. Ele chega a explicar ao longo do texto, a maneira de controlar a temperatura interna das casas, o tipo de mobiliário apropriado a ser utilizados - mais reduzidos higiênicos e práticos – e o uso de torneiras, ventiladores e tapasol, localizado na laje de algumas das casas.



FIGURA 03. FOTO DAS CASAS VOLTADAS PARA A ALAMEDA PROJETO CONJUNTO DE CASAS DA ALAMEDA LORENA (1936)

Fonte: MATAR, D., 1999, p. 47.



FIGURA 04. FOTO DAS CASAS VOLTADAS PARA A ALAMEDA MINISTRO ROCHA AZEVEDO PROJETO CONJUNTO DE CASAS DA ALAMEDA LORENA (1936)

Fonte: DAHER, L.C., 1982, p. 61.



**FIGURA 05. FOTO DAS CASAS INTERNAS, LOCALIZADAS NA RUA INTERNA DA VILA.
PROJETO CONJUNTO DE CASAS DA ALAMEDA LORENA (1936)**

Fonte: DAHER, L.C., 1982, p. 52.

Na verdade a forma que ele apresenta o projeto para a sociedade deixa explícita a escassez de uma “clientela” que tivesse o gosto e preparo para usufruir casas com preocupações modernas, integradas a cidade e com uma nova lógica de circulação e otimização de usos. Assim, ele desenvolve, em seus outros textos também discutidos neste trabalho, suas idéias anti-burguesas. Pois, enquanto a sociedade ficasse fixada no “gosto burguês” era impossível o desenvolvimento do homem moderno, do *homem nu*.

As dimensões dos espaços internos, reduzidas para os padrões da época, permitiam que o morador vivesse mais intensamente a cidade, o espaço público, do que no interior da casa, espaço privado. Assim, a casa se estenderia por toda a cidade e pela rua interna dessa concepção de vila, apresentada pelo arquiteto. Na verdade sua idéia inicial era que todo o quarteirão acompanhasse esse projeto com rua interna e uma vida mais voltada para a cidade. O que acabou não acontecendo, ao invés disso, o conjunto foi todo sobreposto pela cidade com o passar do tempo, hoje resta poucos vestígios de sua arquitetura original nas casas voltadas para as alamedas.

A escala da casa faz pensar em um diálogo possível com as dimensões dos projetos de Le Corbusier, como a altura do peitoril, as dimensões das janelas, largura reduzida das portas externas, a largura dos corredores (aproximadamente 80 cm), o pé-direito duplo da sala de algumas casas e as dimensões dos espaços internos. Outra característica comum à postura apresentada em projetos de Le Corbusier é ao pensar o projeto como um todo, desenvolvendo desde a inserção do projeto no tecido urbano até detalhes como a fechadura e os ladrilhos. Assim, também há a preocupação em educar os moradores a partir das

novas considerações para a vida moderna, que o homem deveria estar preparado para se adaptar.

“(...) [Le Corbusier] autor de um projeto de habitat que vai do mobiliário doméstico até o ordenamento do território e, (...), se não de um projeto completo de sociedade, ao menos uma concepção detalhada do modo de vida adaptado à sociedade a cujo limiar a humanidade (...), chegou.”⁷

Essas questões desenvolvidas por Flávio de Carvalho em seus textos e projetos analisados, aparentemente, vão buscar nas questões desenvolvidas por Le Corbusier sobre a cidade, habitação, sociedade e homem moderno em seu trabalho anterior a 1929, mesmo ano em que visita o Brasil. Poderíamos analisar isso como um primeiro contato direto da arquitetura brasileira com a arquitetura de Le Corbusier, que foi entrevistado nesta viagem em São Paulo pelo próprio Flávio de Carvalho. Isso nos permite relacionar as preocupações sobre cidade, habitat e o novo homem desenvolvido por Flávio de Carvalho posteriormente ao contato com o arquiteto franco-suíço.

A questão familiar discutida nos textos analisados, Flávio de Carvalho questiona além da família, os valores tradicionais, as relações com os filhos e a sociedade. Estes pontos refletem na estruturação do projeto das casas como um todo, em sua implantação para a cidade, em suas dimensões reduzidas diante desta redução da família e de sua importância na produção. A base da sociedade é o indivíduo formando o coletivo e não mais a família.

“Essa diminuição da importância da família na vida do homem é dos fatores determinantes mais poderosos das formas da cidade e da casa do homem do século XX”.⁸

As plantas desenvolvidas por Flávio de Carvalho apresentam todas estas questões elaboradas em seus textos, através da escala com que trabalha o espaço interno das casas. Desta forma apresenta uma escala reduzida aos padrões do Brasil da década de 30, dialogando com projetos como os de Le Corbusier, elaborados na década de 20. Mesmo as questões da distribuição dos espaços, que ainda apresenta aspectos tradicionais, e a circulação sofrem uma modificação a partir da dupla frontalidade, onde a área destinada a

⁷ KOPP, A., 1990, p. 119.

⁸ CARVALHO, F. de, 1938, In. XAVIER, A. , 2003, p. 55.

serviços e empregados também apresenta importância na circulação e acesso para a casa na rua interna.

A implantação do conjunto apresenta-se como uma unidade, pois as casas não são isoladas entre si por jardins e fechamentos dos lotes, mas se conformam com maior contato entre as casas e seus moradores. As casas voltadas para as alamedas não são geminadas, porém são muito próximas, mesmo sendo estruturalmente independentes. Já as casas internas ao conjunto chegam a ser geminadas todas formando uma unidade, uma coletividade. Assim é a forma com que Flávio de Carvalho discute a questão de uma “vila”, onde poderia desenvolver a igualdade e as relações de coletividade entre os moradores. A rua interna com acesso para todas as casas funcionaria como um “quintal coletivo”, mesmo a partir das individualidades dos moradores conservadas em suas casas, há um maior diálogo entre espaço público e privado.

Estas relações de espaço público e privado acontecem, além da proximidade das habitações, mesmo no interior das casas. As aberturas com vidros generosas, os terraços e os solários revelam as relações internas das casas para o exterior, a partir disto, os espaços privados relacionam-se constantemente com os espaços públicos, permitindo uma relação mais direta dos moradores com a cidade mesmo dentro da casa.

Este questionamento sobre a relação dos indivíduos com a cidade continua nas dimensões reduzidas e nas reduções das funções domésticas no interior da casa, pois estas outras funções sociais e domésticas, antes restritas ao interior das casas, fazem parte dos equipamentos da cidade. Assim, mesmo que a disposição dos espaços internos não pareça tão inovadora para a época, o arquiteto proporciona um questionamento sobre o modo de vida, a forma antiquada em que vivia a sociedade e a maneira anacrônica de utilizar a casa e a cidade. Assim, o questionamento que ocorre sobre o habitar moderno na cidade.

4. MAIS SOCIAL DO QUE FORMAL

Para Flávio de Carvalho a casa moderna é um equipamento da cidade, que permite o homem viver na cidade, diferente das questões anteriores da casa representar uma fortaleza ou proteção da natureza. Assim, a principal preocupação do arquiteto é que esses moradores tenham o convívio comum, quando reproduz a rua no interior do conjunto de casas, conformando uma concepção de vila, coerente com as questões sobre a cidade que este apresenta em seus textos.

A dupla frontalidade das casas, mesmo as casas internas do conjunto, apresenta mais um uso de serviços do que propriamente uma dupla frontalidade, onde ambas as elevações teriam a mesma importância formal e de uso. Esses novos elementos que ele traz para a discussão da casa brasileira como: o pé-direito duplo, o solário, as grandes aberturas e a dupla frontalidade, são na verdade um diálogo com projetos de arquitetos europeus contemporâneos a sua arquitetura, como as casas de Pessac (1925) de Le Corbusier e as casas de Weissenhof (1927), de Stuttgart, de diversos arquitetos europeus.

A planta pode ser analisada a partir de projetos como os de Pessac (1925) e Citröhan (1920) de Le Corbusier, o projeto da Casa Modernista (1930) e das Casas de Aluguel para a Sra. D. Maria Gallo, ambos os projetos de Warchavchik, e as Casas sem dono (1932-1936) de Lúcio Costa. A análise a partir desses projetos permite notar que os projetos brasileiros apresentam a mesma disposição espacial e o mesmo programa do projeto da vila da Alameda Lorena, além de uma busca por uma linguagem arquitetônica moderna, dialogando com os modernistas europeus. A diferença mais acentuada desses outros projetos brasileiros apresentados, favorecendo uma relação com o projeto de Pessac, é a dupla frontalidade, que permitia pensar em uma nova circulação e apresentava-se como uma forma de romper a hierarquia espacial tradicional.

Flávio de Carvalho apresenta neste projeto sua busca por uma linguagem moderna. Porém, sua busca por um novo modo de vida aqui no Brasil é pouco apreendida, pois o predomínio do gosto burguês dificultava que a população refletisse e aceitasse novas questões sobre o modo de ser e de viver, além da formação de um público para este tipo de arquitetura. Assim, continuava uma repetição dos modos de vida segundo os padrões ainda tradicionais.

Na verdade as questões discutidas neste projeto e nos textos analisados revelam que Flávio de Carvalho desenvolvia em seu trabalho, uma preocupação muito mais preocupada com o social e com o desenvolvimento do homem em uma nova sociedade, do que propriamente formal. Portanto a questão plástica é importante, mas o que é mais pertinente nesse projeto da Alameda Lorena é a proposta de um “outro morar”, um questionamento da própria forma de morar e das apropriações espaciais que irão se refletir no projeto.

5. UM OUTRO MODERNO?

Flávio de Carvalho apresenta um trabalho que permite uma visão sobre ele como um modernista que não se torna um arquiteto do Movimento Moderno Brasileiro. Ou seja, a ação política de Flávio de Carvalho não possui uma relação com o projeto cultural do estado

vigente, ele não acompanha as mudanças que o pensamento moderno passa a ter no país a partir dos anos de 1930. Sua relação como moderno é uma relação anárquica de rupturas com o passado, que busca uma outra identidade nacional, um anti-burguês, preocupado com a formação de um novo homem moderno. Assim, Flávio de Carvalho propõe uma arquitetura oposta a esta nova fase da arquitetura moderna, proposta pelos principais arquitetos modernos, pois defendia uma arquitetura de ação e não de representação.

Essa relação do passado construído com a arquitetura moderna e seus vínculos com o desenvolvimentismo do governo que acaba deixando diversos arquitetos modernistas à margem da atuação durante as décadas seguintes. Warchavchik e Flávio de Carvalho passam a fazer parte destas “outras atuações”, que não se alinhavam à procura e formação do nacional pelos interesses do estado, estavam mais ligadas às questões discutidas pelos manifestos da década de 20 como a Antropofagia. Assim, estas atuações modernistas acabam perdendo o sentido, se forem vistas pela nova lógica defendida pelo projeto moderno, e acabam sendo marginalizadas.

A postura de formação de uma identidade nacional proposta pelo projeto moderno é muito diferente da proposta pedagógica e a discussão de uma busca de identidade nacional que Flávio de Carvalho apresenta. Enquanto o projeto moderno constrói um passado e uma identidade que afirmem a hegemonia do poder vigente, Carvalho elabora críticas ao sistema atuante no país, e discute uma nova forma de pensar a cidade e a sociedade a partir da construção do espaço e de uma outra forma de organização para o “novo homem” desenvolver-se.

Assim, Flávio de Carvalho defende um Estado forte e presente para a defesa e consolidação de uma formação da identidade nacional, de maneira diferente da lógica que Getúlio Vargas. Este governo centralizador opera para afirmar uma identidade selecionada por seu governante, e não pela busca de um passado, mas pela formação de um passado que afirme os seus interesses de governo. Vargas defende um “moderno” extremamente conservador e controlado capaz de forjar uma identidade nacional. Seu governo censura outras manifestações culturais que divergissem de seus interesses governamentais e convence a própria população a ter uma visão de negação diante de manifestações diversas das propostas oficialmente.

Assim, Flávio de Carvalho acaba tornando-se uma figura a margem de uma “arquitetura oficial”, reconhecida e que opera dentro da lógica do governo em vigor, por não representar uma arquitetura moderna vinculada à política do país. Pois, sua arquitetura discute algumas

relações políticas e sociais coerentes com sua visão de “um novo homem moderno”, de uma nova sociedade maquinista, de uma formação de identidade nacional a partir da compreensão entre o primitivismo brasileiro e as influências pertinentes de outras culturas mais solidificadas. Iconoclasta, estava mais preocupado em acabar com os valores consolidados de uma cultura conservadora e de seus mitos do que a busca de novos mitos a serem consolidados, como o projeto moderno, que acabava afirmando novos mitos do governo e a própria figura dos governantes.

As questões discutidas por Flávio de Carvalho em relação ao espaço da cidade e da casa estão diretamente relacionadas com sua maneira de entender a postura política, sua visão em relação a um estado forte e de uma sociedade mais igualitária. Na verdade sua arquitetura e preocupações sobre a cidade, a casa e a formação de um novo homem expressam sua preocupação com a nova formação da sociedade e como ele via as transformações no âmbito da cidade. Assim, sua arquitetura apresenta uma preocupação mais social do que propriamente formal, voltadas para a formação deste novo indivíduo moderno.

6. BIBLIOGRAFIA^

ABREU, Jayme Cunha da Gama e. **Relatório dos sucessos mais importantes verificados no IV Congresso Pan-Americano de Architectos**. Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1930.

ALMEIDA, Paulo Mendes. **De Anita ao Museu**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

ANDRADE, Oswald. **A Utopia Antropofágica**. 2. ed. São Paulo: Ed. Globo, 1995.

AMARAL, Aracy. **Modernidade e Nacionalismo no Brasil**. In: (Re) Discutindo o Modernismo: Universalidade e Diversidade do Movimento Moderno em Arquitetura e Urbanismo no Brasil/ Organizado por Luiz Antonio Fernandes Cardoso e Olívia Fernandes de Oliveira. – Salvador: Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFBA, 1977. p. 52-56.

AMARAL, Aracy. **Artes Plásticas na Semana de 22**. 5. ed. São Paulo: Editora 34 Ltda, 1998.

ARGAN, G. **Arte Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1997.

BUZZAR, Miguel. **Rodrigo Brotero Lefevre e a idéia de vanguarda**. São Paulo: Tese (Doutorado) FAU, Universidade de São Paulo, 2001.

CAMARGOS, Márcia. **Semana de 22 entre vaias e aplausos**. São Paulo, Boitempo Editorial, 2002.

CARVALHO, Flávio de. **A Cidade do Homem Nu**. In: Diário da Noite, São Paulo, 1930.

CARVALHO, Flávio de. **Experiência nº02**, São Paulo: Irmãos Ferraz, 1931.

CARVALHO, Flávio de. **Uma concepção da cidade de amanhã**. In: Diário da Noite, São Paulo, 17/03/1932.

CARVALHO, Flávio de. A casa do homem do século XX. (27/01/1938) In: XAVIER, Alberto (Org.). **Depoimento de uma geração: arquitetura moderna brasileira**. 2.ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 52-55.

CARVALHO, Flávio de. **Recordação do Clube dos Artistas Modernos**. Revista Anual do Salão de Maio, São Paulo, 1939.

CAVALCANTI, Lauro. **Guia de Arquitetura 1928-1960**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **A nação como semióforo**. In. Mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

DAHER, Luiz Carlos. **Reconstituição visual de um conjunto residencial da década de 30**. São Paulo: FAUUSP (Trabalho de Patrimônio Ambiental Urbano – Curso de Especialização), 1978.

DAHER, Luiz Carlos. **Flávio de Carvalho: arquitetura e expressionismo**. São Paulo: Projeto Editores, 1982.

DAHER, Luiz Carlos. **Flávio de Carvalho e a volúpia da forma**. São Paulo: Edições “K”/ MWM Motores, 1984.

DURAND, José Carlos. **Arte, privilégio e Distinção**. Parte II: Importação do “Modernismo” (1890-1945). Capítulos 4,5 e 6. São Paulo: Ed. Perspectiva/EDUSP, 1989. p. 53-114.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 9. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

FERRAZ, Geraldo. **Warchavchik e a Introdução da Nova Arquitetura no Brasil: 1925/1940**. São Paulo: Masp, 1965.

FERRAZ, Geraldo. **Depois de Tudo: memórias**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura, 1983.

KOPP, A. **Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa**. São Paulo: Nobel/Edusp, 1990.

LEITE, Rui Moreira. **Flávio de Carvalho (1899-1973): entre a experiência e a experimentação**. São Paulo: USP, 1994.

MARQUES, Sônia; NASLAVSKY, Guilah. **Estilo ou causa? Como, quando e onde? Os conceitos e limites da historiografia nacional sobre o Movimento Moderno**. São Paulo: Vitruvius, 2001. Disponível em < <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp065.asp> > Acesso em abril de 2003.

MARTINS, Carlos Alberto Ferreira. **Identidade Nacional e Estado no Projeto Modernista**. In: Oculum 2. Campinas: FAU-Puccamp, 1992.

MATTAR, Denise (Org.). **Flávio de Carvalho: 100 anos de um revolucionário romântico**. Rio de Janeiro, Centro Cultural Banco do Brasil, 1999.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MINDLIN, Henrique. **Arquitetura Moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Flávio de Carvalho – o performático precoce**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MORAIS, Frederico. **Panorama das artes plásticas séculos XIX e XX**. São Paulo, ed. Itaú Cultural, 1991.

OSÓRIO, Luiz Camillo. **Flávio de Carvalho**. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.

PERECIN, Tatiana. **Azaléias e Mandacarus: Mina Klabin Warchavchik – Paisagismo e Modernismo no Brasil**. São Carlos: Tese (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 2003.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. 8. ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1997.

SANGIRARDI Jr. **Flávio de Carvalho – o revolucionário romântico**. Rio de Janeiro: Philoblion, 1985.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na Metrópole**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1992. pg 153-314.

SEVCENKO, Nicolau. **Pindorama Revisitada: cultura e sociedade em tempos de virada**. São Paulo: Ed. Peirópolis, 2000. pg 68-112.

SODRÉ, Nelson Werneck. A verdade sobre o modernismo. In: XAVIER, Alberto (Org.). Depoimento de uma geração: arquitetura moderna brasileira. 2.ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

SOUZA, A. de. **Arquitetura no Brasil: depoimentos**. São Paulo: Diadorim; Edusp, 1978.

SOUZA, Ricardo Forjaz Christiano de. **Trajetórias da Arquitetura Modernista**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento de Informação e Documentação Artística, Centro de Documentação e Informação sobre Arte Brasileira, 1982.

TAFURI, Manfredo. **Projecto e Utopia**. Lisboa: Editorial Presença, 1985.

TELLES, Sophia da Silva. Arquitetura Modernista: um espaço sem lugar. In: **Sete ensaios sobre o Modernismo**. Rio de Janeiro: Funarte, 1983.

TOLEDO, J. **Flávio de Carvalho - o comedor de emoções**. São Paulo: Brasiliense/Unicamp, 1994.

XAVIER, Alberto. **Depoimento de uma geração: arquitetura moderna brasileira**. 2. ed. São Paulo, Cosac & Naify, 2003.

ZANINI, W. LEITE, R.M. **Flávio de Carvalho**. Catálogo da Exposição Retrospectiva na 17ª Bienal de São Paulo (14 de Outubro a 18 de Dezembro de 1983). São Paulo: Ibm do Brasil; Fundação Bienal de São Paulo, 1983.